

disposición del Papa para cuanto este necesite: le trae a Castel Gandolfo a un buen médico amigo (el doctor Martínez Lage) para que confirme el párkinson, le ayuda a ponerse los calcetines cuando la enfermedad se lo impide, o pasa junto a él horas de conversación y descanso (en las que Navarro deseaba que el tiempo se parase) o de oración, pidiendo por la buena marcha de un acontecimiento inminente. En esta relación paterno-filial entre Juan Pablo II y Navarro se une lo divino y lo humano, lo contingente y lo necesario, la política y la religión, las alegrías y las penas, eso sí, estas últimas siempre llevadas con un profundo sentido del humor y un completo abandono en la voluntad de Dios.

De la lectura del libro se desprende que Navarro representaba para el papa polaco la dimensión secular de lo religioso y la profesionalización de la comunicación eclesiástica conforme a los parámetros más exigentes de las empresas multinacionales y los estados soberanos. Por su parte, Navarro veía en el Papa un regalo para el mundo de la providencia divina, un coloso de la comunicación, capaz de atraer un auditorio a rebosar con un leve movimiento de su bastón. Juntos se multiplicaban de manera natural y sin pretenderlo. Como amantes del teatro que eran, los dos comprendían el valor de los gestos, la importancia de una correcta puesta en escena y la potencia comunicativa de los símbolos. Ambos estaban firmemente convencidos de que la cultura se nutre más de signos y metáforas que de argumentos y razones.

Por último, el libro muestra que una visión profundamente cristiana del mundo y de la historia permite que hasta de los sucesos más terribles y abominables se puedan vivir con gozo interior y alegría externa, al comprender que Dios también se sirve de los pecados de los hombres en la consecución de sus planes salvíficos: *omnia in bonum*.

Aunque haya pasado tiempo desde la escritura de estas notas, nos encontramos ante un libro fresco, de interés actual, y de alcance universal, por ser profundamente humano y netamente experiencial. Los destinatarios de este libro no son, pues, solo los vaticanistas, ni los expertos en comunicación corporativa, sino los millones de cristianos y mujeres y hombres de buena fe que han sido cautivados por la mirada del santo papa polaco y removidos por la hondura de su fe y la grandeza de su corazón enamorado.

Rafael Domingo
 Universidad de Navarra
 DOI: 10.48275/setd.18.2024.24

Miguel DE SALIS AMARAL, *Um carisma no tempo. O Opus Dei na vida da Igreja*, Paulus, Apelação 2022, 126 pp.

Este pequeno livro do professor Miguel de Salis Amaral foi publicado em dezembro de 2022, e pretende dar algum passo a mais na compreensão do Opus Dei. Está dirigido a um público que já vive o carisma ou a católicos com certa cultura

cristã (p. 7). A maioria dos livros sobre o assunto abordam esse fenômeno pastoral sob um ponto de vista canônico, espiritual, jornalístico ou testemunhal. Outros, em menor número, têm uma abordagem mais teológica, como é o caso deste.

O estudo pretende entender o Opus Dei a partir da memória viva da Igreja e no contexto do diálogo de Deus com os homens, dando uma maior atenção às dimensões histórica, antropológica e sociológica do fenômeno. Tais objetivos são de grande interesse nas atuais circunstâncias em que o Papa Francisco publicou o *Motu Proprio Ad charisma tuendum*, no qual confirma a Prelazia do Opus Dei no « âmbito autenticamente carismático da Igreja ». Experiente professor de Eclesiologia da Pontifícia Universidade da Santa Cruz em Roma, Miguel de Salis Amaral é uma pessoa qualificada para tratar do tema.

Os cinco capítulos do livro tratam da história, mensagem, missão, instituição e dimensão familiar do Opus Dei, nesta mesma ordem, e constrói o livro sob esta perspectiva. O autor chama a atenção para a unidade que existe entre esses elementos, e mostra que ela pode ser comprovada na própria história do Opus Dei. Depois de um primeiro capítulo que traça uma breve descrição histórica, o segundo pergunta-se pela peculiaridade da mensagem difundida pelo fundador do Opus Dei, o chamamento universal à santidade e ao apostolado. O autor responde citando a raiz cristológica que fundamenta a pregação deste chamamento por São Josemaria, as indicações concretas e o peculiar acompanhamento pastoral que o Opus Dei oferece para levar a mensagem a cabo (p. 40). Salis Amaral contextualiza a mensagem destacando o seu aspecto histórico, lembrando o que já existia no magistério a respeito, e faz algumas comparações com outras instituições ou pessoas que o difundiram. São luzes de grande interesse, mas fica patente que essa abordagem necessitaria bem mais páginas, especialmente quando se pretende comparar ou contextualizar ideias ou instituições.

O capítulo terceiro, por sua vez, trata da missão do Opus Dei que é a « transmissão da mensagem do chamamento universal à santidade e ao apostolado, oferecendo um acompanhamento pastoral concreto para o poder fazer » (p. 53), em palavras do próprio autor. Destaca que a transmissão da mensagem é feita principalmente com o testemunho de vida dos seus membros, e secundariamente com a organização de atividades. O fundador, ao receber essa missão, entendeu que teria que dedicar toda a sua vida a ela, o que nem sempre ocorre entre as pessoas que recebem tarefas da parte de Deus (p. 57). Todas as pessoas chamadas à transmissão dessa mensagem seguem esse caminho de entrega total à missão, o que significa que os leigos têm uma vocação tão forte quanto os sacerdotes ou religiosos (pp. 61-62).

A missão do Opus Dei apresenta-se assim com uma forte unidade com a mensagem e a vida dos seus membros. « Ou seja, a santidade de vida, a vida de trabalho, a recondução do mundo para Deus e a missão evangelizadora entrelaçam-se em unidade: não se justapõem, não estão distribuídas em horários distintos, não têm motivações distintas nem estão dirigidas a fins diferentes » (pp. 67-68). Tudo é ocasião de santidade e apostolado e, portanto, a vida do cristão manifesta-se

em uma profunda unidade produzida pelo dom de Deus e o amor do homem que procura corresponder.

Os capítulos quarto e quinto tratam sobre a instituição e a sua dimensão familiar, respectivamente. Pensamos que é aqui onde o autor consegue desenvolver as reflexões mais interessantes e originais. Segundo Salis Amaral, a universalidade da mensagem, dirigida a todos os homens em todas as épocas, exigia uma instituição que perdurasse para além da vida do seu fundador e seus seguidores. O Opus Dei é um ótimo exemplo de um carisma que gerou uma instituição.

Contudo, o mais habitual é considerar que as realidades carismáticas nascem a partir de uma pessoa e que tem uma configuração de cunho associativo ou pertencem ao âmbito da vida religiosa. Junto a isso, também pode parecer que as instituições hierárquicas nascem de outras instituições hierárquicas. Tais hábitos mentais podem nos fechar ao correto entendimento da Igreja e das realidades que se desenvolvem em seu seio, e naturalmente é um obstáculo para o correto entendimento do Opus Dei, instituído em 1982 como prelazia pessoal, uma instituição hierárquica da Igreja.

O livro traz alguns exemplos na história da Igreja de carismas que não foram corretamente entendidos devido ao preconceito de dissociar carisma de instituição, e mostra que, na verdade, estas duas dimensões se compenetraram e se complementam. Nos primeiros tempos, algumas igrejas particulares – estruturas hierárquicas – nasceram da ação de um apóstolo ou de uma sociedade missionária, ou seja, de um impulso carismático (pp. 86-88). Por outro lado, há entidades de caráter associativo que são criadas a partir de cima, como é o caso da Ação Católica.

São Josemaria Escrivá foi um sacerdote secular que recebeu um carisma e, para difundi-lo, fundou uma instituição estruturada pela relação de comunhão estabelecida pelos sacramentos, como acontece com toda a Igreja em cada Igreja particular, lembra Salis Amaral. Neste sentido, o Opus Dei é uma pequena família dentro da grande família católica. Esta instituição, pela sua história e vida, pode ser apontada como um exemplo da compenetração dos aspectos carismáticos e hierárquicos na Igreja. A atitude do seu fundador reforça esta relação entre carisma e hierarquia: ele pediu conselho, buscou a ajuda do seu bispo, demonstrou um grande sentido de Igreja e sintonia com o que Deus ia transmitindo a fim de configurar a instituição (p. 89). O estudo deste desenvolvimento até a ereção da prelazia pessoal confirma que esta é uma forma jurídica de um específico caráter eclesial que « realmente » já existia (p. 100).

O quinto e último capítulo, sobre a dimensão familiar da instituição, aproxima-se ainda mais da atual questão sobre o carisma. Desde os primeiros anos da fundação do Opus Dei, Escrivá entendeu que teria que ser pai de uma família espiritual, de muitos filhos, dedicando toda a sua existência. A sua missão seria precisamente governar e cuidar dessa família (pp. 108-109). No Opus Dei, sempre existiu um sentido de filiação afetiva e efetiva a São Josemaria e aos seus sucessores, juntamente com a fraternidade entre seus membros. Essa característica é uma específica determinação da caridade cristã e molda a sociabilidade da Obra e reforça a sua dimensão familiar. Observamos assim a união que existe no Opus Dei entre as dimensões familiar e

institucional, tal como acontece na Igreja, que é instituída como uma comunidade de vida com Jesus e com o Pai, pela força do Espírito Santo (pp. 111-114).

Salis Amaral elenca várias razões de conveniência para a instituição manifestar-se como família. A primeira é que ser uma família é muito coerente com a missão de transmitir o chamado à santidade no mundo e « a sua caracterização familiar manifesta melhor essa “interioridade” ao mundo do que qualquer outra forma mais institucional » (p. 115). Outra razão é que o sentido da instituição está orientado para as pessoas chamadas a viver e a transmitir essa mensagem, e isso a torna mais parecida com uma família. Acrescenta ainda que a mensagem sublinha o serviço aos demais, por Deus, em qualquer atividade humana. E a família é o âmbito social em que as pessoas aprendem a viver para os outros com sentido de totalidade, sem nada que exija uma especialização institucional. São Josemaria percebia essa dimensão familiar e chamava a Obra como um recanto do lar de Nazaré (pp. 116-117).

O livro é, de fato, um passo mais para o entendimento do Opus Dei. Estudá-lo dentro da vida da Igreja parece ser um caminho fecundo, como esta própria revista « *Studia et Documenta* » comprova. Há de se louvar o esforço do trabalho em estabelecer paralelos com outras realidades eclesiais, como por exemplo, o caso das visitandinas e a Companhia das Filhas da Caridade (p. 86), o cisma de Donato (pp. 66-67; 89) ou a mensagem difundida por Charles de Foucauld (p. 39). Devemos elogiar ainda as comparações que estabelece com outras realidades e circunstâncias históricas, como o comentário sobre o preconceito que existia sobre a santidade do sacerdote secular (pp. 66-67), o que ajuda a explicar as dificuldades para a difusão da mensagem do Opus Dei nos primeiros anos. O autor estabelece também algumas analogias da família da prelazia do Opus Dei, na sua gênese e sociologia, com as eparquias maronitas ligadas a São Maron, com as igrejas siro-malabares que são filhas do apóstolo São Tomé, com as dioceses de Malta que tem como pai fundador o próprio São Paulo, e com algumas instituições de vida consagrada que têm uma dimensão familiar (p. 118).

Enfim, a obra é uma feliz tentativa de explicar um fenômeno pastoral novo na vida da Igreja, que é repleta de carismas diversos e unidas em um mesmo Espírito. É um estudo teológico que procura se apoiar na história da Igreja. Visto de um outro ângulo, pensamos que também a história da Igreja poderia adotar uma perspectiva mais teológica para poder estudar suas instituições e carismas em uma dimensão mais completa e profunda. Os objetivos e o método proposto pelo professor Miguel de Salis Amaral são audaciosos, ficaram distantes de serem esgotados, mas nos parece que vão no caminho certo. A via pela qual essa pequena e densa obra se aventurou, é ainda pouco explorada, contudo, talvez seja o passo necessário para avançar no entendimento da prelazia do Opus Dei, no « âmbito autenticamente carismático da Igreja » (*Motu Proprio Ad charisma tuendum*).

Alexandre Antosz

DOI: 10.48275/setd.18.2024.25